

FICHA TÉCNICA

Título original: *Golden Son*

Autor: *Pierce Brown*

Copyright © 2015 by Pierce Brown

Charts © by Joel Daniel Phillips

Imagens da Via Láctea © iStockphoto

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Miguel Romeira*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, fevereiro, 2016

Depósito legal n.º 403 341/16

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

DRAMATIS PERSONÆ

Casa de Augustus e seus Aliados

NERO AU AUGUSTUS — ArquiGovernador de Marte, chefe da Casa de Augustus, pai de Virginia e de Adrius

VIRGINIA AU AUGUSTUS/MUSTANG — filha de Nero, irmã gémea de Adrius

ADRIUS AU AUGUSTUS/CHACAL — filho do ArquiGovernador, herdeiro da Casa de Augustus, irmão gémeo de Virginia

PLÍNIO AU VELOCITOR — Político-chefe da Casa de Augustus

DARROW AU ANDROMEDUS/CEIFEIRO — ArquiPrimus do Instituto de Marte, lanceiro da Casa de Augustus

TACTUS AU RATH — lanceiro da Casa de Augustus

ROQUE AU FABII — lanceiro da Casa de Augustus

VICTRA AU JULII — lanceira da Casa de Augustus, meia-irmã de Antonia, filha de Agripina

KAVAX AU TELEMANUS — chefe da Casa de Telemanus, aliado da Casa de Augustus, pai de Daxo e de Pax

DAXO AU TELEMANUS — herdeiro e filho de Kavax, irmão de Pax

Casa de Bellona

TIBERIUS AU BELLONA — chefe da Casa de Bellona

CASSIUS AU BELLONA — herdeiro da Casa de Bellona, filho de Tiberius, lanceiro da Casa de Bellona

KARNUS AU BELLONA — filho de Tiberius, irmão mais velho de Cassius, lanceiro da Casa de Bellona

KELLAN AU BELLONA — Pretor, primo de Cassius, sobrinho de Tiberius

Dourados Proeminentes

OCTAVIA AU LUNE — atual Soberana da Sociedade

LISANDRO AU LUNE — neto de Octavia, herdeiro da Casa de Lune

AJA AU GRIMMUS — chefe dos guarda-costas da Soberana

MOIRA AU GRIMMUS — Política-chefe da Soberana

LORN AU ARCOS — ex-Cavaleiro da Ira, chefe da Casa de Arcos

FITCHNER AU BARCA — ex-Reitor Marte, pai de Sevro

SEVRO AU BARCA/DUENDE — líder dos Uivadores, filho de Fitchner

AGRIPINA AU JULII — chefe da Casa de Julii, mãe de Victra e de Antonia

ANTONIA AU SEVERUS-JULII — ex-Casa de Marte, meia-irmã de Victra, filha de Agripina

Filhos de Ares

ARES — Líder Terrorista, Cor desconhecida

BAILARINO — tenente de Ares, Vermelho

HARMONY — tenente do Bailarino, Vermelha

MICKEY — Escultor, Violeta

EVEY — ex-escrava de Mickey, Rosada

Era uma vez um homem que desceu dos céus e que matou a minha mulher. Neste momento, estou a caminhar ao lado dele, numa montanha que flutua por cima do nosso mundo. Neva. Ameias feitas de pedra branca e de vidro reverberante erguem-se das rochas como se a bocejar.

A toda a nossa volta remoinha o caos da cobiça. Os mais destacados Dourados de Marte caem sobre os alunos do Instituto para deitarem a mão aos melhores e aos mais aptos do nosso ano letivo. Inundando o céu da manhã, as suas naves sobrevoam um mundo de neve e de castelos fumegantes para virem até ao Olimpo, por mim invadido há poucas horas.

— Dá uma última olhadela a tudo isto — diz ele, quando nos aproximamos do seu transporte. — Tudo o que aconteceu antes não foi senão um vislumbre do nosso mundo. Quando deixares esta montanha, todos os laços serão quebrados e todos os juramentos ficarão reduzidos a pó. Não estás preparado para isso. Nunca ninguém está.

Por entre a multidão, vejo o Cassius com o pai e com os irmãos, todos a caminho da sua nave. Os seus olhares atravessam toda aquela extensão branca para nos fulminar e então recordo o som do coração do irmão dele ao bater pela última vez. Uma mão áspera e de dedos ossudos pousa no meu ombro e aperta-o possessivamente.

Augustus olha fixamente os seus inimigos.

— Os Bellona não perdoam e jamais esquecem. E são muitos. Mas não podem fazer-te mal. — Examina-me com frieza; sou a sua presa acabada de caçar. — Porque agora tu pertences-me, Darrow, e eu protejo o que é meu.

Digo o mesmo.

Há setecentos anos que o meu povo vive escravizado, sem voz, sem esperança. Agora eu sou a sua espada. E eu não perdo. Nem esqueço. Vou deixá-lo levar-me para a sua nave. Vou deixá-lo pensar que é meu dono. Vou deixá-lo acolher-me na sua casa, para depois a reduzir a escombros.

Mas, então, a filha dele dá-me a mão e sinto-me esmagado sob o peso de tantas mentiras. Dizem que um reino dividido jamais sobrevive. Mas nunca ninguém mencionou o coração.

PRIMEIRA PARTE

HUMILHAÇÃO

Hic sunt leones. «*Aqui há leões.*»

NERO AU AUGUSTUS

SENHORES DA GUERRA

O meu silêncio é ensurdecedor. Estou de pé na ponte de comando da minha nave interestelar, de braço partido e imobilizado com uma taladeGel e com as queimaduras de iões no meu pescoço ainda em carne viva. Estou cansado com'ó raio. No braço direito, que está ileso, trago enrolada a navalha, que é como uma fria serpente de metal. Diante de mim abre-se o Espaço, vasto e terrível. Pequenos fragmentos de luz furam a escuridão e sombras primordiais avançam para encobrir as estrelas na orla da minha visão. Asteroides. Flutuam lentamente em torno da *Quietus*, a minha nave de guerra, enquanto eu perscruto a escuridão em busca da minha presa.

— Vence — disse-me o meu amo. — Vence, como os meus filhos não conseguem fazer, e trará honra ao nome Augustus. Vence na Academia e terá a tua armada. — Ele repete as palavras para lhes dar mais dramatismo. A maioria dos homens de Estado gosta de fazer isso.

Augustus quer que eu vença em nome dele, mas eu vou vencer em nome da rapariga Vermelha cujo sonho era maior do que ela algum dia poderia ser. Vou vencer para que ele morra e para que a mensagem dela perca ao longo dos séculos. Coisa pouca, portanto.

Tenho vinte anos. Sou alto e largo de ombros. O meu uniforme, todo feito de pele de marta-zibelina, está enrugado. Tenho o cabelo comprido e os meus olhos Dourados estão raiados de sangue. Certa vez, a Mustang disse-me que tenho umas feições ríspidas, que as minhas faces e o meu nariz parecem ter sido esculpidos em «mármore furioso». Pela minha parte, evito os espelhos. Prefiro esquecer

a máscara que uso, a máscara com a cicatriz oblíqua dos Dourados, aqueles que governam os mundos desde Mercúrio até Plutão. Sou um dos Marcados Sem Par. Não há, em toda a humanidade, gente mais cruel ou mais inteligente. Mas eu sinto a falta da mais bondosa de entre eles. Aquela que me pediu para ficar quando, há quase um ano, na varanda da sua casa, me despedi dela e também de Marte. A Mustang. Como presente de despedida, ofereci-lhe um anel de ouro brasonado com um cavalo e ela ofereceu-me uma navalha. Isso diz muito.

Com o tempo, vou esquecendo o sabor das suas lágrimas. Não tornei a ter notícias suas desde que deixei Marte. Pior: nunca mais tive uma palavra dos Filhos de Ares desde que fui o vencedor no Instituto de Marte, há mais de dois anos. O Bailarino disse que me contactava depois que eu terminasse o curso, mas fui largado à deriva num mar de rostos Dourados.

Tudo isto está muito distante do futuro que, em pequeno, imaginei para mim mesmo. Está muito longe do futuro que desejava construir para o meu povo quando deixei que os Filhos me esculpisse. Julguei que ia mudar os mundos. E que jovem idiota não se imagina a fazer isso? Em vez disso, fui engolido pela máquina deste vasto império — uma pesada máquina que avança inexoravelmente.

No Instituto, treinaram-nos para sobreviver e para conquistar. Aqui, na Academia, ensinaram-nos a guerra. E agora estão a avaliar-nos. Lidero uma frota de naves de guerra contra outros Dourados. Combatemos com munições a fingir e invadimos outras naves — é assim o combate interestelar à maneira dos Dourados. Não há qualquer razão para se destruir uma nave que custa a produção bruta de vinte cidades, quando podemos perfeitamente enviar naves Carraça cheias de Obsidianos, de Dourados e de Cinzentos para lhe tomarem os pontos vitais e assim passarmos a controlá-la.

Entre as lições do combate interestelar, cada um dos nossos professores martelou-nos na cabeça as máximas da sua raça. Só os mais fortes sobrevivem. Só os mais brilhantes governam. Depois foram-se embora e obrigaram-nos a fazer pela vida — tivemos de andar de asteroide em asteroide, à procura de mantimentos e de bases militares e à caça dos nossos colegas até restarem apenas duas armadas.

Continuo envolvido em jogos. Simplesmente, este é o mais mortífero até agora.

— É uma armadilha — avisa o Roque, falando junto ao meu ombro. Tem o cabelo comprido, tal como eu, mas o seu rosto é macio

como o de uma mulher e plácido como o de um filósofo. Matar no Espaço é diferente de matar no solo. E, no que toca a matar no Espaço, o Roque é um prodígio. «Tem algo de poético», diz ele. «Há poesia no movimento das esferas e também no das naves que o vão cruzando.» A expressão dele é igual à dos Azuis que tripulam a nossa frota, homens e mulheres de ar alheado, que vagueiam como espíritos caprichosos pelos corredores de metal, todos eles escravos da lógica e da ordem mais estrita.

— Mas não é uma armadilha tão elegante como o Karnus julga — continua o Roque. — Ele sabe que estamos desejosos de chegar ao fim do jogo, por isso vai esperar do outro lado. Vai forçar-nos a entrar num ponto de estrangulamento e depois dispara os seus mísseis contra nós. É uma tática já testada e comprovada desde que o mundo é mundo.

Com um gesto cuidadoso, indica-me a área entre dois gigantescos asteroides, um corredor estreito pelo qual teremos de passar se quisermos continuar a perseguir a nave já danificada do Karnus.

— Gaita, parece que tudo é armadilha... — comenta, a bocejar, o Tactus au Rath; é alto e magro e está farto de tudo isto. Encosta à janela a sua figura ameaçadora e, do anel que traz num dedo, injeta um estimulante no nariz. Deixa o cartuxo vazio cair ao chão. — O Karnus sabe que já perdeu. Isto agora é só para nos torturar. Quer fazer-nos andar atrás dele só para não podermos ir dormir. Cabrãozinho egoísta.

— És mesmo um Boemiozinho, sempre a ganir e a latir — diz, cheia de desprezo, a Victra au Julii, também encostada à janela da nave. As madeixas desiguais caem-lhe logo abaixo das orelhas com brincos de jade. Impetuosa e cruel, mas não em excesso, desdenha a maquilhagem em favor das cicatrizes ganhas ao longo dos seus vinte e sete anos. E já conta com várias.

Tem uns olhos pesados e encovados e uma boca larga e sensual, com uns lábios moldados para ronronar insultos. Parece-se mais com a sua mãe famosa do que Antonia, a irmã mais nova — mas ultrapassa largamente qualquer uma delas na sua capacidade para armar barafunda.

— As armadilhas não querem dizer nada — declara. — A armada dele foi dizimada. Resta-lhe uma única nave. Nós temos sete. E que tal rebentarmos-lhe com a boca e pronto?

— O *Darrow* tem sete — recorda-lhe o Roque.

— Desculpa...? — replica a Victra, irritada com a correção.

— Quem ainda tem sete naves é o *Darrow*. Tu disseste «nós temos». Ora, não somos nós que as temos; o *Primus* é ele.

— «O poeta pedante contra-ataca.» Isso não muda o sentido do que eu disse, *boacriatura*.

— Que devemos ser precipitados, em vez de prudentes? — retalia o Roque.

— Que são sete navas contra uma. Seria embaraçoso deixarmos isto arrastar-se por mais tempo. Portanto, já que temos uma bota de tamanho considerável, vamos lá esmagar este bandoleiro dos Bellona como boa barata que ele é, para podermos regressar à base, receber a nossa justa recompensa das mãos do velho Augustus e depois ir *brincar*. — Exemplifica com o pé, enfatizando a sua sugestão.

— Bons ouvidos te ouçam — concorda o Tactus. — «O meu reino por um grama de farinhaDiabo.»

— Já é o quinto estimulante que injetas hoje, Tactus? — pergunta-lhe o Roque.

— Sim! Obrigado por maneres a conta, mamã querida! Acontece que estou farto de toda esta chachada militar. O que eu quero são clubes de Perlados e drogas respeitáveis com fartura.

— Vais dar cabo de ti.

O Tactus dá uma palmada na coxa.

— «Vive depressa e morre jovem.» Quando tu fores um velho chato e todo encarquilhado, eu serei uma gloriosa recordação de tempos melhores e de dias de deboche.

O Roque abana a cabeça.

— Um belo dia, meu amigo caprichoso, vais encontrar alguém a quem amarás e que te fará rir do palerma que foste no passado. Terás filhos. Terás bens. E, de alguma maneira, acabarás por descobrir que há coisas mais importantes do que drogas e Rosados.

— Por Júpiter! — Tactus fita-o, absolutamente horrorizado. — Isso soa-me francamente miserável.

Fixo-me no visualizador tático, abstraindo-me da troca de galhardetes entre os dois.

A nossa presa é Karnus au Bellona, o irmão mais velho de Cassius au Bellona, o meu ex-amigo, e também de Julian au Bellona, o rapaz que matei na Passagem. Daquela família de jovens encaracolados, o Cassius é o filho predileto. O Julian era o mais bondoso. E o Karnus? Tal como o meu braço partido atesta, é o monstro que eles deixam sair da cave quando há alguma coisa para matar.

A minha celebridade cresceu desde os tempos do Instituto. Por isso, quando a notícia de que o Arquigovernador pretendia que eu continuasse os meus estudos chegou ao circuito de mexericos dos

Violetas, a mãe do Cassius enviou Karnus au Bellona, acompanhado por uns quantos primos escolhidos a dedo, para também virem «estudar». Aquela família quer o meu coração numa bandeja. Literalmente. A única coisa que os refreia é o emblema de Augustus. Atacar-me é atacá-lo a ele.

Contas feitas, estou-me a cagar para a sua vendeta ou para o ódio de morte que opõe o meu amo à casa deles. Quero a armada para poder usá-la ao serviço dos Filhos de Ares. Dessa forma, poderia causar estragos consideráveis. Já andei a estudar as linhas de abastecimento, as estações de radares, os agrupamentos de combate, os centros de controlo das bases de dados — todos os pontos vitais que poderão fazer ruir a Sociedade.

— Darrow... — O Roque aproxima-se mais. — *Cuidado com a húbris. Lembra-te do Pax.* O orgulho mata.

— Eu quero que seja uma armadilha — respondo-lhe. — Quero fazer o Karnus dar meia-volta para nos enfrentar.

Ele inclina a cabeça.

— Portanto, também lhe armaste uma armadilha.

— Ora, onde foste buscar semelhante ideia?

— Podias ter-nos dito. Eu podia...

— De hoje o Karnus não passa, irmão. E tenho dito.

— Claro. Apenas quero ajudar, sabes disso.

— Eu sei. — Contendo um bocejo, passo os olhos pelo fosso ali sob a plataforma de comando e que se estende até lá atrás. Andam por ali Azuis de várias categorias, a gerir os vários sistemas que mantêm a minha nave em funcionamento. Falam mais devagar do que qualquer outra Cor, tirando os Obsidianos; preferem a comunicação digital. São todos mais velhos do que eu e todos eles se formaram na Escola Noturna. Mais atrás, quase ao fundo da ponte de comando, há fuzileiros Cinzentos e vários Obsidianos de sentinela. Dou uma palmada no ombro do Roque. — Vamos a isto.

»Tripulação — digo para os Azuis ali no fosso. — Fiquem alerta. Este é o último prego no caixão dos Bellona. Se conseguirmos mandar com este traste para o éter, prometo-vos o maior prémio que está ao meu alcance dar-vos: uma semana inteira a dormir. Combinado?

Uns quantos Cinzentos ao fundo da ponte de comando riem-se. Os Azuis limitam-se a batucar com os nós dos dedos nos respetivos instrumentos. Dava metade da minha substancial conta bancária — cortesia do ArquiGovernador — para ver um destes branquelos aluados esboçar um sorriso.

— Já esperámos que chegue — anuncio então. — Artilheiros às posições. Roque, manda os contratorpedeiros formarem. Victra, ficas encarregada de o colocar debaixo de mira. Tactus, ficas com as colocações defensivas. Vamos arrumar o assunto agora mesmo. — Olho para o meu timoneiroAzul, que é magro que nem um espeto. Rodeado por outros cinquenta Azuis, está de pé ao meio do fosso por baixo da minha plataforma de comando. As digiTatuagens serpenteantes na cabeça rapada e nas mãos aracnídeas de qualquer Azul projetam subtis tonalidades cerúleas e prateadas quando eles se sincronizam com os computadores de navegação. Os seus nervos óticos voltam-se para o mundo digital e o seu olhar torna-se vago. Vão falando, mas apenas por cortesia para connosco.

— Timoneiro, motores a sessenta por cento.

— Sim, *dominus*. — Olha de fugida para o visualizador tático, uma holoesfera a flutuar por cima da sua cabeça. A sua voz parece a de uma máquina. — Atenção: a concentração de metal nos asteroides dificulta a leitura em espectro. Estamos ligeiramente às cegas. Pode haver uma frota escondida do outro lado dos asteroides.

— Ele não tem uma frota. Vamos entrar no estreito — ordeno. Os motores da nave ressoam. Com um assentimento, digo ao Roque: — *Hic sunt leones*. — São palavras do nosso amo, Nero au Augustus, o ArquiGovernador de Marte, o décimo terceiro da sua linhagem. Os meus líderes militares repetem a frase.

Aqui há leões.

O ESTREITO

No visualizador tático, os seis velozes contratorpedeiros avançam em redor da única nave de guerra que me resta. Entramos em modo de combate e a tripulação Azul remete-se a um silêncio sinistro. Na dimensão por onde as suas mentes agora vagueiam, as palavras são mais lentas do que os icebergues. Os meus tenentes monitorizam a minha armada. Noutra altura qualquer, estaria cada um no seu contratorpedeiro, ou então a liderar um destacamento numa naveCarraça, mas quero os meus companheiros de luta por perto no momento da vitória. Mas, mesmo com todos eles ali de pé ao meu lado, sinto aquela separação, aquele abismo profundo entre o seu mundo e o meu.

— Mísseis detetados — avisa o comAzul. A ponte de comando não irrompe em atividade. Não se acendem luzes de emergência para deixar toda a tripulação em pânico. A quietude não é rasgada por gritos. Os Azuis são uma espécie de sangue gelado; desde a nascença, são criados em seitas comunais onde os ensinam a adotar um pensamento lógico e a cumprir a sua função com fria eficiência. Muitos dizem que eles são mais computadores do que gente.

A escuridão para lá da minha janela é iluminada por um cerrado véu de microexplosões. O nosso escudo antimísseis torna-se uma gigantesca tela de mortijas nuvens brancas. Os mísseis disparados contra nós explodem à medida que o escudo detona prematuramente as suas cargas explosivas. Um deles consegue furar a barreira e um contratorpedeiro na ponta da formação é sacudido por uma explosão nuclear simulada. Se fosse real, a tripulação teria sido cusvida. Ter-se-iam visto jatos de gases. As explosões podem abrir rombos

na fuselagem de metal, deixando sair jatos de oxigénio em chamas — como uma baleia a jorrar sangue —, que a escuridão engole num piscar de olhos. Mas, como estamos apenas a brincar às guerras, não nos deram ogivas nucleares verdadeiras. Aqui, as armas mais mortíferas são os próprios alunos.

Uma salva de canhões eletromagnéticos propaga-se pelo nosso escudo antimísseis e perdemos mais uma nave.

— Darrow... — A Victra fica apreensiva.

Ali de pé, ponho-me a passar distraidamente o polegar no sítio onde antes tinha o anel da Eo.

A Victra volta-se para mim.

— Darrow... Não sei se já te deste conta, mas ele está a dar cabo de nós.

— A madame tem razão, Ceifas — ecoa o Tactus, com o visualizador tático a projetar-lhe reflexos azuis na cara. — O que quer que tenhas em mente, partilha aqui com a malta; não sejas tímido.

— Comunicações, deem ordem de ataque aos esquadrões Estripador e Garra.

Pelo visualizador tático, vejo os esquadrões que enviei há meia hora contornarem os asteroides por um lado e pelo outro e atacarem o Karnus pelo flanco. A esta distância, é impossível vê-los a olho nu, mas, no ecrã, são dourados e piscam.

— Parabéns, amigo — sussurra-me o Roque, ainda antes de o ataque acontecer. A sua voz está carregada de uma estranha reverência; toda a frustração desapareceu. — Isto vai mudar tudo. — Toca-me no ombro. — Tudo.

Vejo a minha armadilha fechar-se e a iminência da vitória alivia a tensão nos meus ombros. Os Cinzentos ali na ponte de comando avançam um passo. Até os Obsidianos se debruçam para os respetivos monitores no momento em que a nave do Karnus deteta a presença dos meus esquadrões. Ele tenta fugir; põe os motores todos no máximo para evitar o que aí vem. Mas os ângulos estão contra ele. Os meus esquadrões disparam mísseis antes que o Karnus possa ativar o escudo defensivo ou disparar os seus próprios mísseis. Trinta explosões nucleares simuladas destroçam a única nave que lhe resta. A esta altura do jogo, já não há interesse nenhum em capturá-la para nós, por isso os pilotos de combate Azuis regalam-se a fazer tiro ao alvo.

E pronto; sou o vencedor.

Na minha ponte de comando, os técnicos Cinzentos e Laranjas irrompem numa gritaria. Os Azuis batucam vigorosamente com

os nós dos dedos. Os Obsidianos, pouco à vontade neste mundo de alta tecnologia, não dão um pio. Na área da criadagem, a Theodora, a minha assistente pessoal, sorri para os seus ajudantes, todos mais novos do que ela. Sendo uma antiga cortesã Rosa cuja juventude é coisa do passado, já ouviu segredos com fartura e também me serve de conselheira social.

Por toda a nave, das salas dos motores às cozinhas, a vitória é transmitida nos holoecrãs. Mas não é uma vitória unicamente minha. Cada homem e cada mulher que ali estão contribuíram à sua maneira. É esse o esquema de funcionamento da Sociedade; para prosperarmos, é necessário que também os nossos superiores prosperem. Tal como eu encontrei um patrono em Augustus, também estes coresRasas têm de me olhar como sendo o seu. Portanto, a lealdade aos Dourados nasce da necessidade, algo que o sistema das Cores jamais poderia impor, simplesmente.

Com esta vitória, vou ascender e todos quantos estão a bordo ascenderão por arrasto.

Nesta cultura, o poder e o potencial equivalem a celebridade. Não há muito tempo, quando o ArquiGovernador anunciou que patrocinaria os meus estudos na Academia, os canais do HC foram entupidos com especulação. Poderia alguém tão jovem, alguém de uma família tão lastimável, ser o finalista vencedor? No Instituto, arrasara com os padrões do jogo e subjagara os Reitores — matara um e deixara os outros amarrados, como se fossem crianças. Mas teria sido isso apenas um acaso? Que isto agora sirva de resposta a todos esses sacanas fala-baratos.

— Timoneiro, programa a nossa rota rumo à Academia. Temos louvores a reclamar! — O meu anúncio é recebido com um coro de vivas. *Louvores*. A palavra traz-me ecos do passado e então sinto um sabor amargo. Apesar do meu sorriso, não sinto grande alegria nesta vitória, mas apenas uma satisfação desanimada.

Mais um passo, Eo. Isto foi mais um passo em diante.

— *Pretor* Darrow au Andromedus. — O Tactus aprecia a sonoridade do título. — Os Bellona até se vão cagar todos de raiva! Pergunto-me se conseguirei usar isto a meu favor para conseguir um lugar de comandante... Ou achas que vou ter de me juntar à tua frota? Nunca se sabe. A bodega da burocracia é tão entediante... É preciso dar graxa aos Acobreados, conseguir o apoio de um *lobby* Dourado... Os meus irmãos vão querer organizar uma festa em nossa honra, claro. — Dá-me uma cotovelada. — E, numa festa dos irmãos Rath, pode ser que até tu consigas finalmente desenferujar o prego.

— Como se ele fosse tocar nalguma das tuas amigas... — A Victra aperta-me a mão, os seus dedos demorando-se nos meus como se ela não estivesse vestida com uma armadura, mas sim com um vestido. — Por mais que me custe dizer isto, a Antonia tinha razão a teu respeito.

Sinto o Roque a estremecer e então torno a ouvir o som da Antonia a cortar a garganta à Lea, quando, no Instituto, estava a tentar fazer-me sair do meu esconderijo. E eu deixei-me ficar nas sombras, a ouvir a minha pequena amiga cair ao chão musguento, numa poça do seu próprio sangue. À sua maneira despachada, o Roque amava a Lea.

— Já disse para não mencionares a tua irmã na nossa presença — repreendo a Victra, que amua ante a minha segura. Volto-me para o Roque. — Enquanto Pretor, julgo ter autoridade para tripular a minha frota com aqueles que escolher. Talvez devêssemos trazer de volta uns quantos rostos do passado: o Sevro, que está em Plutão; os Uivadores, seja qual for o sítio para onde os enviaram; e talvez... a Quinn pode vir de Ganimedes, não?

Ao ouvir aquele nome, o Roque fica todo vermelho.

Pessoalmente, quem mais quero aqui comigo é o Sevro. Nenhum de nós é particularmente assíduo no que toca a manter o contacto pela holoNet — sobretudo eu, porque não tornei a poder usá-la desde que entrei para a Academia. Seja como for, o Sevro só me enviava hologramas de unicórnios do mais pervertido que há ou então vídeos com ele próprio a ler trocadilhos. A ida para Plutão apenas o tornou mais esquisito. E mais solitário, talvez.

— *Dominus*. — A voz do timoneiroAzul atrai o meu olhar para o visualizador.

— Algum problema? — pergunto.

Ele tem os olhos vítreos. Conectado aos sensores da nave, alheado do mundo físico, vai lendo os dados não processados que depois surgem no visualizador.

— Não é claro, *dominus*. Distorção nos sensores. Interferências.

No enorme ecrã central, os asteroides surgem a azul. Nós somos os pontinhos dourados. Os inimigos são assinalados a vermelho. Não devia restar nenhum. Mas, naquele momento, vê-se um pontinho vermelho a piscar. O Roque e a Victra aproximam-se do ecrã. O Roque passa ali a mão e os dados são transferidos para o seu tablete. Uma holoesfera mais pequena surge a flutuar diante dele. O Roque amplia a imagem e ativa os filtros de análise.

— Será radiação...? — sugere a Victra. — Ou destroços, talvez...?

— O minério contido nos asteroides pode refratar o nosso sinal — diz o Roque. — Mas não pode ser *software*... Olha, já ali não está.

O pontinho vermelho pisca e apaga-se, mas a tensão espalhou-se a toda a ponte de comando. Ficam todos a observar o ecrã. Nada. Nas redondezas estão apenas as minhas naves e a nave almirante do Karnus, semidestruída. A menos que...

O Roque volta-se para mim, pálido e aterrorizado.

— Foge — consegue dizer, ao mesmo tempo que o pontinho vermelho torna a dar sinal.

— Motores na potência máxima! — berro. — Trinta graus para cima do nosso eixo central.

— Disparar os mísseis que nos restam contra o asteroide! — ordena o Tactus.

Mas é tarde de mais.

A Victra contém uma exclamação e então vejo, à vista desarmada, aquilo que os nossos instrumentos não estavam a conseguir detectar: um contratorpedeiro escurecido emerge de uma reentrância no asteroide. É uma nave que eu julgava termos derrotado há três dias. Estava ali à espera com os motores desligados. A metade dianteira está danificada e enegrecida. Os motores aceleram para a potência máxima. O contratorpedeiro vem direito à minha nave.

Vai abalroar-nos.

— Fatos e cápsulas de evacuação! — berro. Aos gritos, alguém diz para nos prepararmos para o impacto. Corro para a área lateral da ponte de comando, onde a cápsula de evacuação reservada à equipa de comando está enfiada na parede. Abre-se com o som da minha voz. O Tactus, o Roque e a Victra vêm a correr e apertam-se ali dentro. Ainda ali fora, grito aos Azuis que se despachem e que se desconectem. Podem ser muito lógicos, mas não se importam de morrer pela sua nave.

Corro pela ponte de comando a berrar-lhes que ativem a escotilha de evacuação. Obedecendo, o timoneiroAzul carrega num botão; um buraco abre-se no chão do fosso e começa a dilatar. Um a um, os Azuis vão-se desconectando e sendo sugados pelo tubo gravitacional, por onde chegarão à sua cápsula de evacuação.

— Theodora! — grito, vendo-a a tentar arrancar do lugar um jovem Azul que está agarrado ao seu monitor; de tão assustado, tem os nós dos dedos brancos. — Vai para a bodega da tua cápsula!

— Ela não me dá ouvidos, tal como o Azul não larga o seu monitor. Avanço para eles e, no mesmo instante, escuta-se um derradeiro sinal de aviso do sensor de proximidade.

Tudo abranda.

A ponte de comando enche-se de luzes vermelhas a piscar.

De um salto, lanço-me sobre a Theodora e envolvo-a nos meus braços.

E o contratorpedeiro atinge a minha nave de combate mesmo em cheio.

Apertando a Theodora contra mim, sou projetado a trinta metros e vou bater contra uma das paredes de metal da ponte de comando. Uma dor escaldante propaga-se pelo meu braço esquerdo, ao longo da linha de fratura — que até estava a sarar bem. Tudo se apaga e depois vejo luzinhas a dançar — primeiro parecem estrelas, mas depois são como sulcos de areia revolvidos pelo vento.

Uma luz vermelha atravessa as minhas pálpebras cerradas. Uma mão delicada puxa-me pela roupa.

Abro os olhos. Estou caído contra uma coluna elétrica amolgada; a nave sacode sem parar e geme como um monstro primitivo e moribundo a cair às profundezas. A coluna estremece violentamente contra o meu estômago quando o contratorpedeiro nos dá uma última trancada mesmo ao meio. Com vagarosa crueldade, está a esventrar-nos.

Alguém grita o meu nome. Aos poucos, o som regressa.

Luzes inundam a ponte de comando, alternando-se com mortíferas sombras avermelhadas. Ouvem-se sirenes. É o canto do cisne da minha nave. As mãos delicadas e envelhecidas da Theodora tentam puxar-me, mas é como se um pássaro tentasse erguer uma estátua tombada. Estou a sangrar da testa. Tenho o nariz partido. O sangue arde-me nos olhos; limpo-o e volto-me de costas. Ao meu lado, um monitor partido vai lançando faíscas. Está sujo do meu sangue. Será que me caiu em cima? Ao lado está uma barra de ferro. Os meus olhos desviam-se para a Theodora. Foi ela a tirar-me de cima. Mas a Theodora é tão franzina... A sua mão segura-me o rosto.

— Levanta-te. *Dominus*, se queres viver, tens de te levantar. — Está tão assustada que as suas mãos envelhecidas tremem. — Levanta-te, por favor.

A gemer, lá me ponho de pé. A cápsula de evacuação da equipa de comando já ali não está. A colisão deve ter ativado o lançamento. Ou então foram eles que me abandonaram. A cápsula de evacuação dos Azuis também já partiu. O tal Azul amedrontado está agora

reduzido a uma mancha num tabique. A Theodora não consegue desviar os olhos daquilo. Com as lágrimas, os seus olhos tornam-se vítreos.

— No meu quarto há outra cápsula — resmungo. Então vejo porque está ela toda a tremer; não é de medo, mas sim de dor. Tem a perna fraturada, virada para fora como um pau de giz partido e meio empapado. Os Rosados não são feitos para viver tanto.

— Não vou conseguir fugir, *dominus*. Vai tu, agora.

Assentando um joelho no chão, deito-a no meu ombro intacto. A sua perna sacode e fica pendurada, o que a faz soltar uns queixumes horripilantes. Sinto-a a ranger os dentes. Então começo a correr. Corro pela ponte de comando destruída, em direção àquela ferida que está a matar a minha nave; vou avançando pelos corredores no nível da ponte de comando e então deparo com uma cena caótica. O átrio da nave está cheio de gente que abandonou os respetivos postos e funções e que agora foge para as cápsulas de evacuação e para os transportes de tropas no hangar central. Todos eles — eletricitistas, pessoal da limpeza, soldados, cozinheiros, criados — lutaram por mim. Nenhum sobreviverá. Muitos mudam de direção ao ver-me; avançam aos tropeções e agarram-se a mim, todos em pânico e meio dementes com a aflição de se salvarem. Puxam-me, gritam, suplicam. Afasto-os aos empurrões e é como se me caísse mais um pedacinho do coração de cada vez que um deles fica para trás, caído por terra. Não posso salvá-los. Não posso. Um Laranja agarra-se à perna intacta da Theodora e uma sargento Cinzenta põe-se a bater-lhe na testa até o fazer cair ao chão como uma pedra.

— Deixem passar! — vocifera a brutamontes. Puxa um tição do coldre da sua perna e dispara para o ar. Um outro Cinzento, talvez por se lembrar de qual é a sua função, ou então porque acha que eu sou a sua única hipótese de fugir daquela ratoeira, une-se a ela para dispersar aquele caos. Daí a pouco, já há mais dois a abrir caminho de armas apontadas.

Com a ajuda deles, chego à minha suíte. Toco na porta, que reconhece o meu ADN e se abre com um silvar. Entramos. Atrás de nós, os Cinzentos entram também, mas às arrecuas — de tições apontados às trinta almas desesperadas que se concentram ali na entrada. A porta silva, prestes a fechar, mas uma Obsidiana abre caminho à força pelo meio da multidão e enfia-se pela abertura, impedindo a porta de deslizar. Um Laranja junta-se a ela. Depois um Azul de categoria inferior. Sem hesitar, a sargento Cinzenta mata a Obsidiana com um tiro na

testa. Os seus companheiros alvejam o Azul e o Laranja e empurram-nos para o lado de fora, para que a porta possa fechar. Desvio os olhos do sangue no chão para deitar a Theodora num dos meus sofás.

— *Dominus*, a cápsula de evacuação dá para quantos? — pergunta-me a sargento Cinzenta quando me encaminho para a escotilha da cápsula. Tem o cabelo cortado rente, à maneira dos militares. Uma tatuagem no seu pescoço bronzeado espreita-lhe da gola do uniforme. As minhas mãos vão-se deslocando freneticamente sobre o prisma de comando, introduzindo a senha com uma série de gestos.

— Há quatro lugares. Dois são vossos. Decidam quem vai.

Somos seis.

— Dois? — repete a sargento num tom gélido.

— Mas a Rosada é uma escrava! — silva um outro Cinzento.

— Não vale a ponta de um corno — protesta um terceiro.

— Ela é a *minha* escrava — rosno. — Façam o que eu estou a mandar.

— Que se lixe. — Mais do que ouvir o silêncio, sinto-o e então sei que um deles me está a apontar a sua arma. Volto-me lentamente. O Cinzento mais velho e atarracado não é nenhum idiota; recuou para fora do meu alcance. Não tenho armadura, apenas a navalha. Talvez consiga matá-lo. Os outros perguntam-lhe que diabo julga ele que está a fazer.

— Sou um homem livre, *dominus*. Um dos lugares devia ser para mim — declara ele, a voz a tremer-lhe. — Tenho família. Tenho o direito de ir nessa cápsula. — Olha para os seus companheiros, todos eles banhados nos sinistros reflexos vermelhos das luzes de emergência. — Ela não passa de uma puta. Uma puta armada em importante.

— Marcel, baixa a arma — diz-lhe o cabo de tez escura, agora com o olhar pesaroso. — Recorda o juramento que fizeste. Vamos tirar à sorte.

— Não é justo! Ela nem sequer pode ter filhos!

— E o que pensariam de ti os teus filhos ao verem isto? — interrogo.

Os olhos de Marcel enchem-se de lágrimas. O tição treme-lhe na mão possante. Então ouve-se um tiro. O corpo dele retesa-se e depois cai ao chão, inerte; a bala disparada do tição da sargento atravessou-lhe a cabeça e acabou enfiada no tabique de metal.

— Será por patente — diz ela, tornando a enfiar a arma no coldre.

Fosse eu ainda o homem que a Eo conheceu e estaria agora petrificado de horror. Mas esse homem já não existe. Todos os dias choro o seu desaparecimento. Vou-me esquecendo progressivamente de quem fui,

dos sonhos que tive e das coisas que amei. A minha tristeza ficou entorpecida. E sigo em frente, apesar da sombra que isso projeta sobre mim.

A cápsula de evacuação abre-se; ouço o ruído surdo do fecho magnético. Com um silvar, a porta sobe. Ergo a Theodora do sofá e prendo-a a um dos assentos. As alças do cinto de segurança são grandes de mais; foram pensadas para o físico de um Dourado. Então, escuta-se um rugido cavo e horrível saído do ventre da minha nave, a meio quilómetro dali — os porões de torpedos explodiram.

A gravidade artificial desaparece. Idem para a estabilidade das paredes. É uma sensação insidiosa. Tudo gira. Fico espalmado no chão da cápsula de evacuação. Ou será no teto? Não sei. A nave vai despressurizando. Cheiro, mais do que ouço, alguém a vomitar. Berro aos Cinzentos para entrarem na cápsula de evacuação. Apenas um fica para trás; calmo e com um ar muito sério, vê a sargento e o cabo entrarem. Sentam-se à minha frente e apertam os cintos. Ativo a função de descolagem e bato continência ao Cinzento que ficou para trás. Ele faz o mesmo, orgulhoso e leal, apesar do ar sombrio com que contempla os seus últimos momentos de vida, o seu olhar já longe dali — estará a pensar nalgum amor da juventude ou nalgum rumo que não seguiu, ou talvez a perguntar-se porque não terá nascido Dourado.

Então, a porta fecha-se e ele desaparece do meu mundo.

Sou pressionado contra o meu assento quando a cápsula de evacuação é ejetada da nave moribunda. Avançamos a toda a velocidade pelo meio dos destroços. Depois, o amortecimento inercial é ativado e, novamente a sentirmo-nos sem peso, flutuamos para longe da confusão. Pela janela, vejo a minha nave de guerra a cuspir jatos de chamas azuladas e avermelhadas. O hélio-3 processado — o combustível de ambas as naves — incendeia-se junto aos motores, provocando uma explosão em cadeia que despedaça a nave. De súbito, compreendo que, ao ser ejetada, a minha cápsula de evacuação não abriu caminho pelo meio de destroços. Tudo aquilo eram pessoas. A minha tripulação. Centenas de cores Rasas, que agora são cuspidos para o Espaço.

Os dois Cinzentos estão sentados à minha frente.

— Ele tinha três filhas — diz o cabo de pele escura, começando a tremer quando a adrenalina se esgota. — Daqui a dois anos deixava o serviço, com direito a pensão. E tu meteste-lhe um balázio na cabeça.

— Depois do meu relatório, aquele cobarde não vai ter direito nem à pensão por morte — replica a sargento num tom de desprezo.

O cabo fita-a de olhos a piscar.

— És uma cabra insensível.

Deixo de os ouvir; as suas vozes são abafadas pelo pulsar do sangue nos meus tímpanos. Tudo isto é culpa minha. Fui eu a quebrar as regras do Instituto. Mudei o paradigma e achei que eles não saberiam adaptar-se. Que não mudariam a sua estratégia por minha causa.

É agora perdi tantas vidas que talvez nunca chegue a saber quantas foram ao certo.

Morreram mais pessoas agora, num abrir e fechar de olhos, do que num ano inteiro no Instituto; as suas mortes abrem um buraco negro no meu estômago.

Ouço o Roque e a Victra pelos altifalantes. Devem ter-me localizado pelo meu tablete; sei que agora estou a salvo, mas mal os ouço. Uma raiva espessa e malévola remoinha-me nas entranhas, deixando-me de mãos a tremer e com o coração a martelar-me o peito.

De alguma maneira, a nave do Karnus continua no ar, mesmo depois de ter partido a minha ao meio; está danificada, mas mantém-se a funcionar. De pé na minha cápsula de evacuação, desaperto os cintos do meu assento. Ao fundo do veículo está um tuboEjetor com uma blindagemEstrela já a postos. As blindagensEstrela são fatos mecanizados que transformam homens em torpedos humanos; servem para os Dourados chegarem aos asteroides ou aos planetas, uma vez que a cápsula de evacuação não sobreviveria à reentrada na atmosfera. Mas eu vou usá-lo para me vingar. Vou disparar-me contra o raio da ponte de comando daquele Bellona filho da puta.

A Theodora ainda não acordou. Melhor assim.

Digo ao cabo que me ajude a vestir o fato. Dois minutos mais tarde, já estou enfiado na carapaça de metal. Gasto outros dois a discutir com o computador, que me pede um cálculo exato da trajetória para interseccionar a nave do Karnus, de maneira a conseguir entrar por uma janela da ponte de comando. Nunca ouvi falar de ninguém que tenha feito isto. Nem sequer vi alguém tentar. É uma loucura. Mas o Karnus vai pagar.

Início a minha própria contagem decrescente.

Três... Toda arrogante, a nave inimiga passa a cem quilómetros de nós. Parece uma cobra escura com uma cauda azul e com uma ponte de comando em lugar dos olhos. De permeio, uma centena de cápsulas de evacuação brilham como rubis lançados ao sol. *Dois...* Rezo para conseguir encontrar o Vale, caso não sobreviva. *Um.* Os meus comandos são desativados e luzes vermelhas a piscar refletem-se no meu capacete. Os Reitores bloquearam-me os comandos.

— NÃO! — berro, vendo a nave do Karnus desaparecer no escuro.